

MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR

AUTORIA GERUZA ZELNYS DE ALMEIDA,
ESPECIALISTA DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

COORDENAÇÃO SANDRA MAYUMI MURAKAMI
MEDRANO, DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC



MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR

AUTORIA GERUZA ZELNYS DE ALMEIDA,
ESPECIALISTA DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

COORDENAÇÃO SANDRA MAYUMI MURAKAMI
MEDRANO, DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

LIVRO

REDEMOINHO EM DIA QUENTE

AUTORA

JARID ARRAES

TEMA

**DIÁLOGOS COM A SOCIOLOGIA E
COM A ANTROPOLOGIA**

GÊNERO LITERÁRIO

CONTO, CRÔNICA E NOVELA



Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para
a Ação Comunitária

Revisão

Ana Luiza Couto
Aminah Haman

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Almeida, Geruza Zelnys de

Material digital do professor — Redemoinho em dia
quente / Geruza Zelnys de Almeida ; coordenação de
Sandra Mayumi Murakami Medrano ; CEDAC. — 1ª ed. —
Rio de Janeiro : Capital das Letras, 2021.

Bibliografia

ISBN 978-65-89603-01-6

1. Literatura – Estudo e ensino I. Título II. Arraes, Jarid.
Redemoinho em dia quente. III. Medrano, Sandra Mayumi
Murakami. IV. CEDAC

21-0703

CDD 372.64044

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura – Estudo e ensino 372.64044

2021

Todos os direitos desta edição reservados à
CAPITAL DAS LETRAS DISTRIBUIDORA DE LIVROS
Rua Barão de Mesquita, 123 e 125 — Tijuca
20540-001 — Rio de Janeiro — RJ
Telefone: (21) 3978-0712

SUMÁRIO

Apresentação, 5

Carta, 7

A autora, 7

A obra, 9

Propostas de atividades I: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa, **12**

Pré-leitura, 15

Leitura, 17

Pós-leitura, 25

Propostas de atividades II: Este livro e as outras áreas do conhecimento, **26**

Arte, 26

Língua Inglesa, 27

História e Geografia, 29

Sociologia, 30

Filosofia, 33

Aprofundamento: Análise estética e crítica da obra, **35**

Sugestões de referências complementares, **41**

Bibliografia comentada, **43**

Obras citadas, **45**

APRESENTAÇÃO

Cara professora, caro professor,

Neste manual, você vai encontrar material de apoio para o trabalho com o livro *Redemoinho em dia quente*. Desde já, enfatizamos que as propostas de atividades feitas aqui são sobretudo sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra.

Ele é composto dos seguintes itens:

1. Carta: conversa coloquial que contextualiza a obra e dados biográficos da autora, além de apresentar sua importância para a vivência literária no Novo Ensino Médio.

2. Propostas de atividades I: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa: sugestões para o encaminhamento do trabalho antes, durante e após a leitura.

3. Propostas de atividades II: Este livro e as outras áreas do conhecimento: sugestões voltadas a professores de outros campos do saber para trabalhar a obra literária em atividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura.

4. Aprofundamento: Análise estética e crítica da obra: subsídios e orientações que auxiliem o professor a exercitar sua leitura crítica, criativa e propositiva, articulando a expressão literária com outras produções e também com a experiência individual e social.

5. Sugestões de referências complementares: indicação de fontes diversas que podem enriquecer a experiência de leitura desta obra.

6. Bibliografia comentada: apresentação das obras usadas para elaborar este manual, com um breve comentário.

7. Obras citadas: lista com as referências citadas no texto.

Este material foi produzido com a supervisão da Comunidade Educativa CEDAC, instituição que atua na formação de educadores das redes públicas desde 1997, com ampla experiência em projetos que visam à formação de leitores, por meio da qualificação e institucionalização das práticas de leitura nas escolas. A coordenação pedagógica da CE CEDAC acompanhou a produção e a edição do material escrito por especialistas em literatura e didática da leitura. Houve cuidado não só em favorecer a análise dos aspectos literários da obra, mas também em propor situações com o livro no contexto escolar, situações que favorecessem o diálogo com os estudantes e suas reflexões acerca da obra

e de seu contexto sócio-histórico. O material também contou com a leitura crítica de toda a equipe envolvida na produção editorial.

A intenção foi indicar caminhos para que você, professor, possa mediar uma experiência literária que seja significativa aos estudantes, ampliando as condições para apreciarem esta e outras obras.

Esperamos que receba este material como um convite ao diálogo entre você e o livro, entre você e os estudantes.

Bom trabalho!

CARTA

Cara professora, caro professor,

Se há algo sobre o qual é necessário pensar, discutir e compreender em amplitude nos dias de hoje é a representatividade e toda a potência que ela carrega consigo. E como voz que fala desde esse lugar, Jarid Arraes, e seu *Redemoinho em dia quente*, abre os olhos dos estudantes do Novo Ensino Médio para realidades múltiplas: a da mulher negra, do nordestino, da fé, da migração, do mistério. Tudo mergulhado em uma prosa poética arrebatadora. Assim, a leitura da obra dessa jovem e surpreendente escritora ampliará não somente o repertório cultural e literário dos educandos, mas também contribuirá para que estejam aptos a protagonizar uma cidadania livre de preconceitos e aberta à diversidade que compõe o universo contemporâneo.

Jarid Arraes é uma jovem autora que mostra a que veio em cada uma das suas obras, e por sua força literária se estabeleceu entre as grandes escritoras brasileiras contemporâneas. É uma leitura que se torna obrigatória pela qualidade literária, pelos temas abordados e, principalmente, por sua presença como mulher e como negra. Os espaços precisam ser ocupados por aqueles que durante muito tempo ficaram à margem nas variadas esferas da sociedade, inclusive na literatura. Ler Jarid é ver o Brasil pelos olhos de uma desbravadora, que, obra após obra, finca raízes e firma aceitação. Para as suas mulheres e para o passado, presente e futuro dos negros em nossa terra pau-brasil.

A AUTORA

Nascida em 1991, na cidade de Juazeiro do Norte, no Ceará, **Jarid Arraes** sempre esteve imersa na literatura, por meio da influência de seu avô e de seu pai, pois ambos eram cordelistas e artistas de xilogravura. Embora tenha crescido e sempre estivesse envolvida com a cultura tradicional nordestina, não foi apenas a literatura de cordel que a formou literariamente, mas também as leituras de autores consagrados, desde o modernista Manuel Bandeira (1886-1968) até Ferreira Gullar (1930-2016). Foi nesse contato com a literatura canônica que percebeu a dificuldade para ter acesso a obras de escritoras. Assim, iniciou pesquisas em busca de autoras, poetisas e mulheres marcantes ao longo da história, principalmente mulheres negras, pois notava esse apagamento nos ambientes escolares e na mídia.

Nas escolas ainda se apresentam pessoas negras como personagens passivos diante da escravidão e que têm seus papéis na história limitados a isso. Lembro que aprendi uma grande mentira na escola: que os índios não se conformavam e não se adaptavam à escravidão e por isso acabaram mortos, mas os negros ficavam passivos e aceitavam a escravidão. Só adulta descobri que os quilombos e grupos que agitavam revoltas eram muitos e foram muito além do quilombo de Palmares. [...]

Eu cresci lendo muito, principalmente poesia (aí incluo também o cordel), mas eu pegava os livros que estavam disponíveis para mim. Da coleção do meu pai, li muito Drummond, Ferreira Gullar, Leminski e Manuel Bandeira. Nas escolas encontrava os clássicos e literatura de fora do Brasil, como Shakespeare e Edgar Allan Poe. Mas só adulta percebi que tinha lido uma verdadeira chuva de homens, enquanto as mulheres eu podia contar nos dedos de uma mão. E nenhuma delas se parecia muito comigo, com meu contexto de vida e realidade. Claro que isso fez diferença na minha autoconfiança e na minha percepção do que era ser escritora. Na minha cabeça, era algo impossível. E daí que eu gostava de escrever? (PAIVA, 2017)

Dona de uma versatilidade admirável e extremamente engajada, Jarid Arraes escreveu em blogs, foi colunista da *Revista Fórum*, fundou o coletivo Feministas do Cariri (Femica), participou de organizações não governamentais (ONGs) e criou o Clube da Escrita Para Mulheres, em 2015, cujo objetivo era incentivar mulheres escritoras ou desejosas pela autoria. O que era apenas um clube de encontros de leitura e escrita expandiu-se e acabou se tornando um coletivo com diversas escritoras e participantes.

Jarid Arraes conquistou projeção com a obra *As lendas de Dandara*, seu primeiro livro em prosa, publicado em julho de 2015, de forma independente. Num período inferior a um ano, a primeira tiragem esgotou-se e foi republicada. Inclusive esse livro já conta com uma edição francesa: *Dandara et les esclaves libres*. Por ocasião dessa publicação, realizou uma turnê de lançamento em diversas cidades francesas. Em julho de 2019, iniciou-se como contista, com a obra *Redemoinho em dia quente*, sendo realizado o lançamento durante a Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP). Por essa obra, recebeu o prêmio de melhor livro na categoria Contos e Crônicas, pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). Além desses livros, conta com mais de setenta títulos publicados em literatura de cordel.

A OBRA

Em vista dessa potente obra, ler *Redemoinho em dia quente* é visitar o Nordeste brasileiro em sua grandiosidade, especificamente a Cariri de Jarid Arraes. Cada um dos trinta contos dessa obra levanta a poeira da cultura, da ancestralidade e da religiosidade que marcam o local de origem da autora. Daí o gênero não poderia ser outro que não o **conto**, visto a potencialidade que traz em sua estrutura — coesa, breve e condensada. É a captura do leitor que se dá ao entrar em contato com a memória, a realidade e a força feminina de suas protagonistas; e, no contato com o livro, o regional se torna universal, porque as histórias ali experienciadas pertencem a todos nós.

Por tudo isso, *Redemoinho em dia quente* se faz uma obra necessária, para que seja possível refletir e decifrar a nós mesmos como sujeitos ao olharmos para essas ficções tão reais quanto a nossa própria vida. Dessa forma, é possível despertar no jovem leitor uma tomada de decisão quanto ao contexto apresentado: entorpecer por meio da religiosidade ou de uma substância ilícita? Aceitar o preconceito ou enfrentá-lo? Partir da terra natal e desligar-se de suas raízes ou honrá-las? Somos atravessados por essas indagações e assim, ao imergir nesse universo, travamos **diálogos com a Sociologia e Antropologia**, pois adentrarmos nas estruturas sociais que compõem a identidade do povo brasileiro: a presença da religião, a dureza da migração, a potência da mulher, os preconceitos.

A leitura dos contos de Jarid Arraes proporciona um painel sobre nossa sociedade, possibilitando diálogos entre a ficção, a sociologia e a antropologia: os estudantes podem tecer suas análises críticas a partir desse contato com a literatura, exercitando suas capacidades de escolha de forma autônoma, consciente e responsável.

O hibridismo da linguagem de Jarid Arraes com sua prosa poética, assim como a reprodução da fala típica do Nordeste, convidam à leitura em voz alta e à partilha da escuta. Como boa cordelista, a autora emprega um tom lírico ao mesmo tempo que regional, convocando assim a performance da oralidade. Já a intertextualidade presente nos contos, como em “Got a flamin’ heart, can’t get my fill”, gerará possibilidades diversas a serem exploradas com os estudantes e assim contribuirá para ampliar a visão de mundo deles, nesse movimento entre o livro e os saberes descobertos. A sinestesia — despertada pela descrição de ruas, casas, janelas, sons e vento — motiva a leitura, visto que é como se caminhássemos pelo Cariri e nos embrenhás-

semos em seus espaços. A forma fluida da escrita da contista conduz a uma leitura dinâmica e de fruição, ressignificando a leitura literária para os estudantes de Ensino Médio.

Em *Redemoinho em dia quente*, Jarid Arraes permanece fiel ao seu projeto estético de pôr em xeque a representatividade, seja negra, seja de gênero, seja de diversidade, assim como em seus livros *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis* e *As lendas de Dandara*. Tal qual em sua estreia na poesia — *Um buraco com meu nome* —, temos aqui também a presença da memória, da intransigência enfrentada pela mulher em sua busca por realização de sonhos, conquista de espaços e respeito.

É notória a influência de mestres da literatura sobre Jarid Arraes, como se nota em alguns dos contos de *Redemoinho em dia quente*. Sente, por exemplo, a presença de Carlos Drummond de Andrade (1902-87) na construção do cenário das narrativas de Jarid. Se em Drummond provamos Itabira, em Jarid experimentamos Cariri. Além do poeta mineiro, em muitas entrevistas, a autora menciona suas leituras juvenis e cita autores canônicos que a influenciaram, como Paulo Leminski (1944-89), Ferreira Goulart, Augusto dos Anjos (1884-1914), entre outros. Sendo uma escritora que se reconhece preta e que afirma não poder negar suas raízes, é evidente a influência das brasileiras Carolina Maria de Jesus (1914-77) e Conceição Evaristo (1946), da nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (1977) e da norte-americana Nayyirah Waheed, poeta independente que faz sucesso nas redes sociais: <https://www.instagram.com/nayyirah.waheed> (acesso em: 30 nov. 2020).

Assim, a promissora autora conhece e reconhece a tradição, mas está em franco diálogo com seus contemporâneos. Certamente, Jarid Arraes já está estabelecida entre as grandes escritoras da contemporaneidade e, em brevíssimo tempo, será um clássico da literatura brasileira de todos os tempos.

Para conhecer melhor as influências da escritora cearense, indicamos a seguir alguns de seus depoimentos (acessos em: 6 nov. 2020):

- “Sobre o que o cânone jamais conhecerá” (encontro da autora com Conceição Evaristo, 2018). Disponível em: <https://medium.com/mulheres-que-escrevem/sobre-o-que-o-c%C3%A2none-jamais-conhecer%C3%A1-4e37959f5fcb>.
- “Uma mulher negra escrevendo em busca de casa” (falando sobre a descoberta de Nayyirah Waheed, 2017). Disponível em: <https://medium.com>.

com/mulheres-que-escrevem/uma-mulher-negra-escrevendo-em-busca-de-casa-20e69311656a.

- “Lady Gaga me ensinou a nascer como escritora, diz Jarid Arraes” (2019). Disponível em: **www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/07/lady-gaga-me-ensinou-a-nascer-como-escritora-diz-jarid-arraes.shtml**.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES I: ESTE LIVRO E AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

São trinta contos distribuídos em duas partes: I. Sala das candeias e II. Espada no coração, neste *Redemoinho em dia quente*, leitura mais do que indicada ao Ensino Médio. Aos jovens dessa faixa etária, tão importante quanto encontrar representatividade nas artes é o contato com essa escritura singular, mais próxima de um dizer cotidiano, porém repleta de marcas e variações locais.

Assim, além de possibilitar uma experiência de inestimado valor artístico, ou seja, sensibilizando o leitor para as nuances do gênero conto, Jarid Arraes também convida a um olhar crítico sobre as relações humanas e, em especial, aquelas que giram em torno das visões sobre a mulher na sociedade. Sendo um livro que pode proporcionar bons momentos de fruição numa leitura autônoma, se lido com acompanhamento e mediação do professor pode vir a ser um importante instrumento de reflexão crítica e de tomada de consciência, favorecendo a **cidadania** e o **enfrentamento de questões sociais e antropológicas**.

Inegável é que o leitor de *Redemoinho em dia quente* será um leitor de corpos: os corpos anônimos, em sua maioria mulheres, negras, pobres e nordestinas; os corpos mais frequentemente expostos aos subempregos, à prostituição, ao preconceito e ao feminicídio. Corpos que, aqui, se juntam e encontram voz no corpo autoral de Jarid Arraes. Desde aí o flerte autobiográfico que, se não desnudado pela autora, está implícito nos textos escritos em primeira pessoa, na vivência no Cariri e nas declarações encontradas em suas entrevistas. Fato é que, se Jarid não é suas personagens, ela bem poderia ser.

Porque, afinal, é no corpo da obra que a sociedade se desnuda. No primeiro conto, “Sacola”: uma beata, após encontrar um pacote suspeito, toma uma decisão espantosa, que culminará em um fim inesperado. Já em “Moto de mulher”, temos escancarados estereótipos, preconceitos, medos e angústias, previstos desde o título do conto. A leitura de cada conto içará o leitor a questões para além das páginas do livro, porque não há como ficar impassível diante das narrativas. A verossimilhança se estabelece a cada página virada: é a mototáxi tentando conquistar seu espaço e enfrentando seus próprios temores, assim como cada menina e cada mulher fazem dia após dia. Seus espaços nos despertam os sentidos, como se estivéssemos vendo cada cena, experi-

mentando cada sentimento. Assim como Drummond, em sua *Cidadezinha qualquer* e em *Confidência do itabirano*, vemos a Juazeiro de Arraes em seus detalhes, inconformismos, memórias e saudades.

Compreender a sociedade como um organismo complexo, de nuances variadas e muitas vezes distorcidas, tal qual composto nesse livro, é fundamental para a formação do jovem leitor. Os temas abordados em cada conto são oriundos da realidade circundante e, portanto, imprescindíveis de serem tratados em sala de aula.

Assim, *Redemoinho em dia quente* pede uma leitura atenta e um direcionamento que pode ser dado nas aulas de Língua Portuguesa a fim de lançar luzes aos processos estéticos, além de direcionar a discussão para os posicionamentos desses jovens diante do mundo representado e do mundo que os cerca. Por tudo isso, a proposta de trabalho com *Redemoinho em dia quente* está ligada especialmente às seguintes competências e habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 2: Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.

(EM13LGG202) Analisar interesses, relações de poder e perspectivas de mundo nos discursos das diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e verbais), compreendendo criticamente o modo como circulam, constituem-se e (re)produzem significação e ideologias.

(EM13LGG203) Analisar os diálogos e os processos de disputa por legitimidade nas práticas de linguagem e em suas produções (artísticas, corporais e verbais).

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6: Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas caracterís-

ticas locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

HABILIDADES

(EM13LGG601) Apropriar-se do patrimônio artístico de diferentes tempos e lugares, compreendendo a sua diversidade, bem como os processos de legitimação das manifestações artísticas na sociedade, desenvolvendo visão crítica e histórica.

(EM13LGG602) Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade.

CAMPO ARTÍSTICO-LITERÁRIO

HABILIDADES

(EM13LP46) Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.

(EM13LP48) Identificar assimilações, rupturas e permanências no processo de constituição da literatura brasileira e ao longo de sua trajetória, por meio da leitura e análise de obras fundamentais do cânone ocidental, em especial da literatura portuguesa, para perceber a historicidade de matrizes e procedimentos estéticos.

(EM13LP49) Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura.

PRÉ-LEITURA

Como importante atividade de sensibilização para os jovens, antes da leitura efetiva de *Redemoinho em dia quente* sugerimos uma roda de conversa sobre seus últimos livros lidos, em especial sobre a autoria e as personagens retratadas.

Essa discussão, que é proveitosa antes de qualquer leitura, nesse livro de Jarid se potencializa por ser escrito por uma autora mulher, negra e nordestina, que retrata mulheres com o mesmo perfil. Essa combinação dá ao livro um evidente caráter político que não pode ser negligenciado na leitura.

Portanto, para potencializar o terreno das discussões posteriores é fundamental lançar questões como: vocês já leram autoras mulheres? Dessas, quantas são autoras negras? Como vocês lidam com a questão da representatividade em suas leituras? Seria bom expandir essa discussão: quantas mulheres negras vocês conhecem que têm destaque em sua área de atuação? É possível enumerar muitas? Por que elas são menos vistas e ouvidas? Onde estão os corpos negros, afinal?

Em seguida, sugerimos, a fim de ampliar o debate sobre corpos invisibilizados na sociedade, que o professor apresente a composição “Rap popcreto”, do álbum *Tropicália*, de Caetano Veloso e Gilberto Gil. Trata-se de uma composição que reúne recortes de várias vozes expressando uma interrogação que segue continuamente: uma voz feminina irrompe a palavra cantada: “quem” e, antes mesmo de silenciar, surge um grito masculino e rouco: “quem”, que dá lugar a outra voz feminina que também se estende em outras vozes. Entre elas, algumas são reconhecíveis — João Gilberto, Chico Buarque, Renato Russo, Tim Maia —, mas outras não. Essas vozes são atravessadas por barulhos de construção e interferências de rádio.

A música sampleada, ou seja, processada e gravada de sons previamente gravados, já traz no título (“Rap popcreto”) uma colagem de diferentes artes: rap, pop e concretismo. Porém, o que fica latente é o justo ponto em que a palavra se articula: a mesma palavra traduzida, por assim dizer, em diversas vozes, cuja diferença está no dizer, no movimento de uma presença singular.

Assim, elas parecem ser a mesma palavra, mas se diferenciam no seu dizer. Ou seja, apesar de não reconhecermos o corpo que as emite, ouvimos a voz e nela reconhecemos a singularidade de um corpo ausente. Quem? Quem? A pessoa-palavra saiu de seu contexto invisibilizado para dar vida ao som e

reverberar-se em significações questionadoras de seu próprio corpo como palavra: seu tom, sua significação, sua posição em relação a outras pessoas-palavras. A interrogação pressupondo uma busca e um desejo de trazer para si outras vozes.

Partindo dessa discussão, já é possível fazer uma apresentação da autora com base na parte inicial deste material, destacando suas publicações e seu lugar de prestígio no cenário literário, bem como sua preocupação com o apagamento das mulheres negras nos meios educativos e artísticos. Ela se liga a essa canção no sentido de dar visibilidade para essas mulheres que atuam socialmente, embora seus corpos sofram o apagamento pelo preconceito racial e de gênero.

Não é demais, antes de ir para o livro, trazer um poema da autora no qual fica evidente seu engajamento e sua luta política (ARRAES, 2020):

alavanca

em um ambiente controlado
branco antisséptico
esterilizado
uma mulher arrancou meu dente

enquanto ela puxava

depois de três agulhas
anestésicas
e enquanto eu escutava
os sons do dente resistindo

eu pensei na resistência

arrancar dentes
arrancar unhas
infeccionar a mente
quanta gente

fez possível uma poeta

me comoveu a extração
do meu dente molar
e agora quando sorrio um buraco é político

No poema, a ideia central é a resistência: o agarrar-se ao buraco de origem, que, mesmo quando o dente é arrancado, ainda permanece lá como uma ausência muito presente. Afinal, quem não vê a falta de um dente na boca de uma pessoa? Ainda mais em se tratando de ambientes controlados, brancos e assépticos, ou seja, modelares e normatizados. Segundo a escritora, esse buraco é político por ser um lugar de resistência às extrações que a tornaram poeta. Então, o que o poeta faz com suas faltas? Poesia! Não à toa, seu livro de poemas se chama *Um buraco com meu nome* (2018).

Sobre literatura negra brasileira, a pesquisadora Zilá Bernd diz que:

[...] configura-se como literatura de resistência, ou seja, a que constrói com a matéria da cultura africana que sobreviveu na América em presença da cultura europeia e indígena. A literatura utiliza o aporte desta cultura resistente em uma produção que servirá para singularizar um grupo, fornecendo-lhes mitos, símbolos e valores, em suma, elementos que permitem a emergência de uma imagem positiva de si próprios. (1987, p. 86)

Essas discussões preliminares tornarão os leitores mais sensíveis àquilo que é o fio condutor desses textos: a dificuldade de fincar raízes e crescer num lugar onde as tradições e o preconceito tentam podar nossas singularidades.

LEITURA

Esse é um livro para ler em voz alta, se não todos os contos, pelo menos os que serão trabalhados em sala de aula, pois há nesses textos uma especificidade sonora que está ligada às variações linguísticas do Nordeste e ao “so-taque” mantido nos textos. No Ensino Médio, a prática da leitura em voz alta — se comparada aos anos iniciais — é bem rara, mas vale muito a pena, pois ajuda a sairmos do espaço individual e solitário, abrindo os corpos à partilha, à escuta e à construção coletiva de sentidos da leitura. E *Redemoinho em dia quente* pede isso porque traz questões complexas que, discutidas abertamente, podem ajudar os estudantes a compor pensamentos que porventura ainda não consigam formular.

Então é importante iniciar com a leitura compartilhada do conto, em ambiente aconchegante. Mesmo que seja a própria sala de aula, dispor algumas almofadas no chão ou fazer uma roda faz bastante diferença na leitura. Ler antecipadamente o conto também ajudará o professor nessa leitura, por-

que o corpo que medeia saberá captar as nuances do texto, sua pontuação. O ideal é ler o conto na íntegra para, somente ao final, os estudantes comentarem suas impressões.

A leitura compartilhada acontece quando o professor lê e os estudantes seguem com o livro em mãos. É uma leitura que requer atenção ao texto escrito, ao objeto livro, à vocalização das palavras, ao corpo que partilha as histórias. É muito recomendada em todas as faixas etárias, pois proporciona modelos de leitura e promove a autoimagem do leitor.

SONORIDADE E ESTRUTURA

Sugerimos iniciar pelo conto “Como é ruim cair num buraco”. Esse é um bom texto para começar os trabalhos, porque traz uma imagem forte já analisada na pré-leitura: o buraco, que, como vimos, é um espaço de resistência. Sugerimos que vá direto a ele, sem fazer leitura prévia dos paratextos do livro, que podem ser explorados depois. O conto versa sobre um jegue que caiu num buraco, e a narradora fará de tudo para que ele seja retirado de lá. Esse é o enredo básico do conto, mas o que importa nele é prestar atenção à construção discursiva, pois é ela a responsável pela força da narrativa.

Importa dizer de antemão que os textos de Jarid Arraes seguem a estrutura tradicional dos contos realistas e isso pode ser retomado com os estudantes: textos breves, lineares, com conflito e progressão psicológica das personagens definidos. Mas é justamente na camada discursiva que encontramos as linhas de fuga da autora: há, no modo como essas situações são trazidas à luz, um sabor de crônica do cotidiano. A crônica é um gênero mais leve, ou seja, que é contado de forma mais solta, e é nesse paradoxo de assuntos muito difíceis contados com certa simplicidade que está a singularidade da obra.

Por isso, a leitura em voz alta deve privilegiar a pontuação, a fim de que os estudantes possam entrar no ritmo da narrativa. Se eles tiverem o livro em mãos, poderão acompanhar como isso se dá no texto e como vai se mostrando uma estrutura recorrente na obra: frases curtas e diretas separadas por vírgulas e entrecortadas por uma ou outra frase mais longa.

Ontem tinha caído um *toró*. As pedras da rua ficaram todas soltas, assanhadas, como se fossem os cabelos do chão e uma mão gigante tivesse bagunçado o penteado inteiro. Tinha pedra e buraco pequeno

pra todo canto. Muito lixo pelo meio da rua também. As sacolas abertas, possíveis obras dos cachorros.

O fato é que a rua estava uma *bagaceira*. *Buraco nela toda*, principalmente um enorme do lado do muro do colégio. E foi justo nesse buraco gigante que o coitado caiu. (p. 120)

Como se vê, o parágrafo inicial é formado basicamente por imagens que, como *frames* cinematográficos, vão se avolumando para dar movimento ao ambiente. Apenas duas frases são um pouco mais longas e obrigam o leitor a passar um pouco mais de tempo nelas. As palavras e expressões destacadas também tem um sabor local: *toró* e *bagaceira* não são palavras cotidianas em todo território brasileiro, já as contrações e elipses de “*pra todo canto*” e “*buraco nela toda*” são utilizadas na linguagem falada. Essa estrutura ajuda a criar a atmosfera da oralidade no texto, o espaço de uma conversa veloz e intimista no qual as coisas são contadas como se entre pessoas muito próximas.

Cortázar (1974) inicia seu ensaio intitulado “Alguns aspectos do conto” lembrando uma passagem do “Decálogo do perfeito contista”, do uruguaio Horacio Quiroga (1878-1937), em que ele diz: “conta como se a narrativa não tivesse interesse senão para o pequeno ambiente de tuas personagens das quais pudesse ser uma” (p. 229). Assim, esse clima de intimidade, nascido a partir de um recorte individual e circunscrito, em determinado momento abre-se para o universal de uma “realidade infinitamente mais vasta que a do seu argumento” (p. 155).

É tal a proximidade que os leitores passam a ser uma presença convocada no texto:

Chegando lá, vi o pobre deitado meio de lado, tentando se ajeitar. Tinha um machucado no pescoço em carne viva. Deu tanta pena. Se eu tivesse visto antes, teria ajudado, mas agora também a urgência era tirar o coitado dali. Se vocês vissem. Ele indefeso, o olhar confuso, nem gemia. (p. 120)

Esse chamamento faz com que observemos mais atentamente o texto, afinal tudo o que queremos dizer para a autora é: sim, estamos vendo. Então cabe perguntar aos estudantes: o que vocês viram? Quando viram de fato? Afinal, o texto vai sendo construído de modo que conheçamos a identidade do “coitado” que havia caído no buraco apenas no antepenúltimo parágrafo do texto. É justo então pedir uma segunda leitura, agora, marcando esses re-

curiosos responsáveis pela oralidade e destacando a forma como a identidade desse jegue vai aparecendo no texto: o pobre, o coitado, o bichinho, o animal, sendo que essas palavras são repetidas de modo a nos fazerem pensar sobre elas. É apenas de um jegue que a narradora está falando? Ou, se nesse conto se trata de um jegue, o que ele representa como imagem na obra, já que a narradora se diz comprometida com ele: “Só que eu me comprometi” (p. 121)?

EM TORNO DA DEDICATÓRIA E DAS RELAÇÕES AUTOBIOGRÁFICAS

Agora é um bom momento para olhar o livro como um todo, em especial para a dedicatória: “Aos que alimentam e aos que não conseguem arrancar raízes”. Toda dedicatória guarda um excedente de sentido que caminha junto com a história, ou as histórias de um livro. Ou seja, é como se de antemão ela soprasse algo em nossos ouvidos. Então, os estudantes podem aqui tentar associá-la ao conto lido. Nele, há a presença do jegue que não consegue sair do buraco, pois está como que enraizado ali; e a presença daquela pessoa que o ajuda a sair de lá, alimenta-o e cuida dele. É para eles que esse livro é dedicado, eles que estão disseminados por todas as demais narrativas: os que conseguem sair e os que precisam de ajuda para isso. Não à toa, o jegue é um animal característico da região, pois se adaptou ao clima semiárido e simboliza o trabalho pesado no interior nordestino. Portanto, esse texto é uma homenagem e uma crítica ao mesmo tempo, pois incide sobre ele o olhar não só da nordestina, mas também o da mulher que ganhou o mundo com sua arte.

Pode-se então passar à breve biografia da autora (p. 129 do livro) para que os estudantes conheçam mais sobre ela: há referência aos cordéis escritos por Jarid, que tem na sua ancestralidade direta o pai cordelista e o avô xilogra-fista. Em proveito dessa informação, recomenda-se a leitura do conto “Asa no pé” (p. 30).

Nesse conto, o foco da leitura pode recair na construção da personagem e na estrutura do conto atravessada pelo cordel. Assim, depois da leitura em voz alta, são bem-vindas perguntas sobre quem é a personagem principal nesse texto, quais são suas questões existenciais, o que ela deseja, o que a frustra. Se a questão parece simples, é importante ajudar os estudantes a perceberem a duplicidade dessa personagem que se bifurca no conto: invisibilizada e emudecida no texto principal, porém voz empoderada no cordel que atravessa o texto como

linha de fuga. É importante observar aqui o elemento diferencial entre uma e outra: o encontro, o lugar da relação e dos afetos, pois enquanto no texto principal ela não é ouvida e até é motivo de chacota, no cordel é admirada.

No entanto, há aqui uma pessoa que a ouve, o pipoqueiro, e que a questiona (ou profetiza): “é você?”. Ouvimos ressoar as vozes do “Rap popcreto” de Caetano e Gil na voz de Nicolle, a personagem: “Quem?”. “A mulher que tem asa no pé” (p. 33), ele responde. Nesse curto fragmento do texto, muitas coisas podem ser discutidas com os estudantes. Primeiro, é importante acenar para o espelhamento entre a personagem e a autora, afinal Jarid é essa que tem asas nos pés e que fez seus cordéis serem ouvidos em cada canto desse país e até fora dele. Jarid arrancou as raízes do buraco, mas fez delas asas — levando-as consigo. Importa, portanto, pontuar:

- o poder de transformação da ficção como construtora de realidades possíveis: no cordel da personagem já se gestava o futuro da autora;
- o caráter autobiográfico desse texto e de outros que compõem a coletânea;
- a coautoria do leitor/ouvinte (pipoqueiro) na construção do futuro da cordelista e sua importância como elemento que participa da escuta e construção de sentidos do texto.

Com base nesses apontamentos, recomendamos dar continuidade ao trabalho pedindo uma pesquisa mais aprofundada sobre a autora e sobre os gêneros que dialogam nesse texto: o conto e o cordel, que a lançou na literatura; além da leitura individual do conto “Despedida de Juazeiro do Norte”.

Em momento posterior à pesquisa, retomar essas questões que foram elencadas acima partindo da questão autobiográfica. Mas o que faz um texto ser autobiográfico, afinal? Destacamos que não estamos falando de autobiografia no sentido específico de uma primeira pessoa que se apresenta com nome próprio, como postulado no pacto autobiográfico de Phillippe Lejeune (2008), mas de elementos que funcionam como “nós” que amarram a ficção à realidade: o espaço, as vivências e mesmo as declarações da autora, como essa que ampara a leitura autobiográfica do conto “Despedida de Juazeiro do Norte”.

Nesse conto, escrito em primeira pessoa, a escritora é a própria personagem.

Nesse conto eu falo sobre minha relação com o Cariri. Ele surgiu num dia em que vi um casarão histórico demolido, numa foto postada no Instagram, e isso me trouxe um monte de sentimentos e reflexões. Mas olha como eu

digo nesse conto “é melhor ser um pavão misterioso, e ter confiança naquilo que te nutriu. Descobrir e reencontrar as raízes, colocá-las para fora, misturá-las com o que é impensável e fazer algo que seja ao mesmo tempo, uma mistura de tradição e de estranho [...]” (SILVESTRE, 2019)

No texto que flerta com o gênero carta, a autora faz uma despedida à Juazeiro, ou da sua Juazeiro que vai se transformando com as demolições, assim como acontece consigo própria. O texto é altamente afetivo e, por isso, desperta empatia e sentimentos no leitor:

Quero me despedir dos casarões de Juazeiro. [...] Quero dizer adeus, quero prestar meus respeitos. [...] Eu quero me despedir, porque meu coração ama. [...] Juazeiro, eu vim me despedir. [...] Mas eu já vou me despedir. Sinto muito. Meu amigo sente muito. [...] Esse é você. (p. 85-7)

Bem se vê que a despedida é continuamente adiada e Juazeiro permanece como uma memória que, estando lá, é sempre ausente-presente porque o Juazeiro ao qual se referirá a partir de agora, em sua ficção, não é o mesmo da vivência real. Juazeiro já é outro, transformado e, por isso, quando falamos em autobiografia falamos aqui numa autobiografia ficcional, porque já misturada: invenção, criatividade e memória.

O CRUZAMENTO ENTRE GÊNEROS LITERÁRIOS

Outro ponto a ser retomado diz respeito à questão dos gêneros literários pesquisados pelos estudantes. É importante que, a partir de suas descobertas, se dê destaque ao encontro e ao cruzamento entre esses dois gêneros: o conto (tradicionalmente de uma cultura de elite) e o cordel (de tradição popular). Nota-se o que o cordel atravessa, ou melhor, invade o gênero conto à semelhança do que faz a autora — de periférica, invade a cultura de elite e nela se fixa, apropriando-se de seu lugar de direito, de seu lugar de fala (esse conceito será discutido com mais vagar em “Aprofundamento: Análise estética e crítica da obra”, mais adiante neste material).

Tal processo interpretativo é fundamental para a leitura dos demais textos, porque esse gesto autoral manifesto na escritura ou, melhor dizendo, no corpo da escritura, é um gesto político: subverter o gênero conto — que há muito se afastou de sua raiz na tradição oral — fazendo-o aceitar em sua estru-

tura o cordel, ou mesmo a carta, gêneros mais populares, esse é um modo de torná-lo menos elitizado. Nesse conto se repete o processo vivido por muitas autoras que, como Jarid, precisaram enfrentar a estrutura dominante.

É impossível enfrentar e, principalmente, subverter uma estrutura que não se conhece. No entanto, esse conhecimento Jarid tem, como bem se nota no conto “Os fatos dos gatos” (p. 106), no qual claramente se nota a intertextualidade com o conto “O gato preto”, de Edgar Allan Poe (1809-49): a atmosfera de mistério, o fim que não se explica, o fantasma do gato assombrando a narradora, enfim, tudo evidencia esse diálogo entre os autores. Mas, para além da relação entre esses textos, é importante destacar que Jarid está dialogando com um dos mestres na arte do conto.

Todos aqueles que se embrenham a estudar esse gênero partem dos conceitos elaborados por Alan Poe (1842) para seus próprios contos, ou seja, o conto clássico norte-americano. Entre esses conceitos está a “unidade de efeito ou de impressão”, que gira em torno das ideias de abolição do supérfluo, de leitura de uma assentada e grande intensidade — elementos que compõem a clássica tríade: unidade, brevidade e intensidade.

A consideração inicial foi a da extensão. Se alguma obra literária é longa demais para ser lida de uma assentada, devemos resignar-nos a dispensar o efeito imensamente importante que se deriva da unidade de impressão, pois, se se requerem duas assentadas, os negócios do mundo interferem e tudo o que se pareça com totalidade é imediatamente destruído. Mas, visto como, *ceteris paribus*, nenhum poeta pode permitir-se dispensar qualquer coisa que possa auxiliar seu intento, resta a ver se há, na extensão, qualquer vantagem que contrabalance a perda de unidade resultante. Digo logo que não há. O que denominamos um poema longo é, de fato, apenas a sucessão de alguns curtos; isto é, de breves efeitos poéticos. É desnecessário demonstrar que um poema só o é quando emociona, intensamente, elevando a alma; e todas as emoções intensas, por uma necessidade psíquica, são breves. Por essa razão, pelo menos metade do *Paraíso perdido* é essencialmente prosa, pois uma sucessão de emoções poéticas se intercala, inevitavelmente, de depressões correspondentes; e o conjunto se vê privado, por sua extrema extensão, do vastamente importante elemento artístico, a totalidade, ou unidade de efeito” [POE, 1987, p. 111-2].

Na entrevista concedida ao Bondelê (www.youtube.com/watch?v=gyhahk0uhW8) (mais informações sobre esse vídeo nas “Sugestões de referências complementares”), a autora fala da sua relação com a poesia e, como Poe, também considera o conto muito irmanado a ela: é isso que o torna intenso. Conhecendo essa estrutura tão bem, a autora pode então subvertê-la, inserindo novos elementos, como apresentamos: a oralidade, os localismos, as poéticas políticas da voz. Portanto, podemos dizer que, por meio da voz, Jarid enfrenta a estrutura que cala. Lembramos que, no conto “Asa no pé”, a narradora, antes da personagem Nicolle declamar seu cordel, diz: “Aumentou o volume da voz e soltou” (p. 31).

Com base nisso, é recomendável partir para o conto “Voz” (p. 72), no qual Janaína, uma personagem transgênero, vai emudecendo até não dizer mais nada e, assim, não incomodar ou horrorizar as pessoas com as quais se relaciona. O sonho de Janaína é participar de um show de dublagem no programa do Silvio Santos, mas para isso precisa de dinheiro e ninguém lhe dá emprego. Então, ao fingir-se de muda, ao menos consegue vender salgados:

Na calçada do hospital, recomeçou a sacudição de cabeça. Sim, é de hoje o pastel. Sim, ela que tinha feito tudo. Vinha uma vontade de bocejar e Janaína tampava rápido a boca, pra não escapar nenhum som. Era muda vendendo salgados e também se tornaria muda fazendo a entrega dos bolos. Esticaria a mão com um papelzinho. O preço do bolo ali, uma carinha sorrindo e um “obrigada pela preferência” com letra redondinha. Coitadinha da moça. [p. 77]

Importa ajudá-los a perceber que o corpo destituído de sua própria voz não encontra unidade, nem integridade. Por isso Janaína sonha habitar outros corpos, dublar vozes que podem ser ouvidas. Janaína, assim como a maioria das mulheres retratadas no livro *Redemoinho em dia quente*, precisa de um corpo pelo qual sua voz possa soar para que possa saber que ela existe. Esse é o corpo de Jarid Arraes.

Assim, com base nessas discussões, seria interessante que os estudantes terminassem, individualmente, a leitura dos demais contos do livro. Para potencializar essa atividade, a sala pode ser dividida em duplas, ou trios, que ficariam responsáveis pela apresentação e proposta de discussão de cada um dos contos. No prazo estipulado, os estudantes poderiam organizar um Clube de Leitura, com cada grupo mediando as conversas em torno do conto pelo qual ficou responsável.

PÓS-LEITURA

Nas atividades de pós-leitura, sugerimos, além do Clube de Leitura — ou seja, um espaço destinado ao encontro e à discussão dos contos lidos —, uma Oficina de Escrita Criativa com o objetivo de que os estudantes possam também criar textos baseados em histórias reais que serão tornadas ficção.

A partir dos textos lidos — narrativas curtas com tensões e conflitos —, os estudantes devem perceber que a obra da autora, de modo geral, fala sobre as opressões cotidianas que assolam personagens femininas sempre marginalizadas e vítimas de silenciamentos de toda natureza. Com base nisso, a proposta é uma atividade, em grupos, em duas etapas:

1. Histórias reais

A primeira etapa consiste em entrevistar mulheres que tenham passado por algum tipo de opressão e sintam-se à vontade para contar. Nesse primeiro momento, a história pode ser gravada e, depois, os grupos fazem uma audição para selecionar uma ou mais histórias que possam ser trabalhadas ficcionalmente.

2. Histórias ficcionais

No segundo momento, os estudantes planejam como será esse texto ficcional. Para isso, é preciso retirar da história os detalhes e ficar apenas com o núcleo central dela:

- o enredo que foi possível apreender do relato;
- os protagonistas;
- o conflito central;
- acontecimentos fundamentais em torno do conflito.

Com esse enredo selecionado, eles preenchem o que falta com a ficção, fazendo ajustes, modificando os nomes e lugares para não exporem essas pessoas. Para decidirem por onde começar a contar, podem partir do mesmo lugar que a pessoa relatou e, depois, reorganizar esses detalhes.

A atividade pode ser expandida para uma sessão de leitura para outras salas, ou mesmo a um evento especial — Voz de Mulher — aberto à comunidade, a fim de promover um debate sobre nosso papel cidadão para fazer ouvir as vozes silenciadas das mulheres. Outros componentes curriculares, conforme veremos a seguir, poderão trabalhar conjuntamente para que esse evento seja realizado com sucesso.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES II: ESTE LIVRO E AS OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO

ARTE

COMPETÊNCIA 6: Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

HABILIDADE

(EM13LGG603) Expressar-se e atuar em processos de criação autorais individuais e coletivos nas diferentes linguagens artísticas (artes visuais, audiovisual, dança, música e teatro) e nas intersecções entre elas, recorrendo a referências estéticas e culturais, conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, históricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas.

Propomos um trabalho interdisciplinar com as aulas de Língua Portuguesa, nas quais o foco das atividades de pós-leitura é transformar histórias reais em ficção. Sugerimos que o professor de Arte se volte para a questão da oralidade presente nos textos de Jarid Arraes, a fim de ajudar os estudantes a verterem alguns contos — tanto os criados por Jarid como os criados por eles próprios na Oficina de Escrita Criativa — para a modalidade de Narração Oral de Histórias.

PRÉ-LEITURA

Como atividade inicial, sugere-se apresentar o livro *As lendas de Dandara*, no site de Jarid: <http://jaridarraes.com/as-lendas-de-dandara>. Nessa obra a autora mistura ficção e história em dez contos sobre a guerreira quilombola Dandara dos Palmares, companheira de Zumbi dos Palmares. Se possível, o

professor também pode exibir um vídeo com a narração e uma arte em *speed painting* — um método de pintura em exibição performática, realizada em tempo determinado: www.youtube.com/watch?v=efTDgOnP_2o&feature=emb_logo (acessos: 18 nov. 2020).

Depois, eles assistirão a uma narração oral com o cordel *Dandara dos Palmares*, do livro *Heroínas negras brasileiras*, publicado pela editora Pólen. O vídeo com a narração de Cássia Damasceno está no canal Fafá Conta Histórias: www.youtube.com/watch?v=T000ce1SSdc (acesso em: 9 nov. 2020). O professor pode orientá-los a atentar para entonação, pontuação e gestualidades, que são marcas da narração oral.

LEITURA

A proposta é que os estudantes trabalhem na narração de um conto. Para isso, talvez seja preciso reler os contos de *Redemoinho em dia quente* e depois, em grupos, eles podem selecionar um por grupo. Além disso, seria interessante selecionar também algumas das histórias criadas na oficina para serem contadas.

PÓS-LEITURA

Após realizada a seleção dos textos, o professor pode apresentar as especificidades da arte de narrar histórias oralmente — uma arte que, embora colada ao texto escrito, transmite-o com acentos cênicos.

Depois de o professor apresentar os conteúdos, os estudantes podem ensaiar e gravar as narrações em vídeos, a serem exibidos no evento planejado nas aulas de Língua Portuguesa (ver “*Propostas de atividades I*”), ou postados na internet, num canal — Voz de Mulher — em que eles divulguem os textos de Jarid e também os produzidos na oficina.

LÍNGUA INGLESA

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 4: Compreender as línguas como fenômeno [geo]político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e

coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza.

HABILIDADE

(EM13LGG403) Fazer uso do inglês como língua de comunicação global, levando em conta a multiplicidade e variedade de usos, usuários e funções dessa língua no mundo contemporâneo.

PRÉ-LEITURA

A proposta para as aulas de Língua Inglesa é auxiliar na compreensão do conto “Got a flamin’ heart, can’t get my fill” (p. 59). Para isso, o professor pode começar apresentando aos estudantes a banda inglesa Led Zeppelin, bem como informações a respeito do álbum *Led Zeppelin IV*, de 1971, disponível em: www.youtube.com/watch?v=Xliu0Jl3I5g&list=PL6ogdCG3tAWiU-La6k2z_7i-6cvwgQbS7 (acesso em: 6 nov. 2020).

LEITURA

Nesse momento, os estudantes podem ler ou reler o conto “Got a flamin’ heart, can’t get my fill” (p. 59), buscando traduzir livremente as passagens em inglês.

PÓS-LEITURA

Importa aqui ouvir a música e tentar associar a atmosfera dela ao conteúdo do texto, buscando nessa audição elementos sensíveis que expliquem os conflitos da protagonista e sua relação conturbada com César. O professor pode traduzir com os estudantes a música inteira e encontrar no conto algumas lacunas em que outros trechos da música poderiam ser incluídos, adensando sentidos adicionais ao texto.

Se o professor estiver trabalhando interdisciplinarmente com os professores de Língua Portuguesa e Arte, pode selecionar com os estudantes outras músicas para serem inseridas como trilha sonora antes ou ao final das contações, ou na apresentação dos textos no canal que os estudantes criarem em alguma plataforma de vídeo.

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 4: Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades.

HABILIDADE

(EM13CHS402) Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.

(EM13CHS404) Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.

PRÉ-LEITURA

Nesse momento, a proposta para as aulas de História e Geografia é um trabalho em conjunto com o objetivo de sanar as dúvidas da personagem do conto “Mais iluminada que as outras” (p. 37) sobre o processo de escravidão que ocorreu nas terras brasileiras. Seria importante então uma discussão inicial que dê ênfase não apenas na circulação dos escravos, mas também nos responsáveis pela escravatura no Brasil, em especial na região Nordeste.

LEITURA

Fazer uma nova leitura do conto, agora de forma compartilhada, com especial destaque para o fragmento a seguir, que evidencia nos trechos grifados o processo que envolve o conhecimento formal e informal, ou seja, saberes passados oralmente e pela escrita:

Dizem e eu ouvi, mas depois também li, que o estado do Ceará aboliu a escravidão quatro anos antes do restante do país. Todos aqueles corpos que eram trazidos com seus dedos contados, seus calcanhares prontos e seus umbigos em fogo, todos eles foram interrompidos no porto. Um homem —

dizem e eu ouvi e depois também li — liderou o levante. E todos esses corpos foram buscar outros incômodos. [...]

Eu ouvi e li, porque me disseram, que essa terra foi mais iluminada do que as outras, já que os corpos navegados foram libertos quatro anos antes dos demais. No entanto, meus ouvidos captaram superficialidades, nomes raspados, milhos restantes para galinhas depenadas. Por bastante tempo contado em calendário, não consegui me lembrar do nome de quem liderou o quê, de quem fez, deixou de fazer, onde ou quando e por que o Ceará ou o Cariri tinham a ver com isso. Eu nunca levantei a mão durante uma aula e perguntei: professora, existiu escravidão no Cariri? Quem foi dono de escravos no Cariri? (p. 37-8)

PÓS-LEITURA

A proposta é que os estudantes — assim como a personagem que frisa ter ouvido e lido sobre o processo de escravidão, mas não consegue se lembrar — façam uma pesquisa e tragam o resultado, sempre controverso, para ser debatido em sala. Depois do debate, espera-se que eles sejam capazes de traçar a linha histórica que esses sujeitos — escravizados e escravizadores — ocuparam na história nacional.

SOCIOLOGIA

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 5: Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

HABILIDADE

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

PRÉ-LEITURA

Com o objetivo de refletir sobre a condição da mulher, em especial da mulher negra, fazer a leitura do texto “Feminismo negro: sobre minorias dentro da minoria”, escrito por Jarid Arraes para o Portal Geledés (2014), sobre a peculiaridade das necessidades das mulheres negras e a obrigatoriedade de análise profunda do racismo brasileiro a fim de atender às urgências desse grupo. Destacamos um fragmento para promover uma discussão inicial sobre essa pauta:

O problema da mulher negra se encontrava na falta de representação pelos movimentos sociais hegemônicos. Enquanto as mulheres brancas buscavam equiparar direitos civis com os homens brancos, mulheres negras carregavam nas costas o peso da escravatura, ainda relegadas à posição de subordinadas; porém, essa subordinação não se limitava à figura masculina, pois a mulher negra também estava em posição servil perante a mulher branca. A partir dessa percepção, a conscientização a respeito das diferenças femininas foi ganhando cada vez mais corpo. Grandes nomes da militância feminina negra foram fazendo história, a exemplo de Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro. A atenção e a produção de conteúdo foram dedicadas a discussões de raça e classe, buscando romper uma zona de conforto que o ativismo feminista branco cultivava, especialmente aquele que limitava sua ótica aos problemas das mulheres de boa condição financeira e acesso à educação. [...]

Violência doméstica e sexual

A cor é fator relevante quando analisamos os casos de agressão e assassinato por parte de companheiros e ex-companheiros. As negras são mais de 60% das vítimas de feminicídio, exatamente porque não contam com assistência adequada e estão mais vulneráveis aos abusos das próprias autoridades.

Já no aspecto da sexualidade das mulheres brancas é esperado o comportamento moderado e sensualidade com limitações, porém as mulheres chamadas de “mulatas” são amplamente exotificadas e tratadas como objetos disponíveis para a exploração. O argumento de quem enxerga as mulheres negras como mais disponíveis para investidas sexuais é de que elas são mais provocantes, que seus corpos suportam atos mais intensos ou até mesmo que não podem negar os assédios. [...]

Padrão de beleza e mídia

Cabelos lisos e loiros, narizes finos, bochechas rosadas, olhos azuis e axilas claras são alguns exemplos de como a estética ocidental celebra características brancas como melhores e mais belas. Por causa dessa padronização, atrizes negras são minoria absoluta e quase nunca são convidadas para estrelarem na televisão.

Embora a redução da mulher ao papel de “musa” seja machista, vale a pena dedicar um pouco de reflexão ao racismo explícito que passa todos os dias sem muitos protestos. A posição não é ideal para nenhuma mulher, mas as causas que levam a exclusão das mulheres negras são inegavelmente racistas. (ARRAES, 2014)

LEITURA

Releitura do conto “Telhado quebrado com gente morando dentro” (p. 39), com foco no fragmento a seguir, que evidencia nos trechos grifados o processo que envolve o reconhecimento e a empatia entre mulheres:

Mas quando ela chegou na casa de vó, não parecia me odiar ou achar que eu era responsável por tudo que aconteceu. Não sei se ela pensava em Túlio, se a cabeça dela tinha espaço para isso. Eu olhei para os olhos da minha irmã e vi uma Juliana ainda mais velha do que aquela que eu conhecia. Não era mais a garota que tinha muita força. Era uma casa com telhado quebrado, mas com gente ainda morando dentro. (p. 44)

PÓS-LEITURA

Com base nos dados e na reflexão apresentada por Jarid Arraes, em seu artigo (2014), e também com base na situação que se apresenta de tentativa de abuso sexual de Juliana, irmã da protagonista e narradora do conto, pode-se propor uma reflexão sobre a falta de segurança das meninas, jovens e mulheres diante da violência masculina que é, antes de tudo, fruto do preconceito e da supremacia masculina sobre a feminina.

A partir dessa discussão, realizar uma pesquisa sobre formas de combate à violência e possibilidades de segurança disponibilizadas pelas instituições governamentais, como a Lei n. 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha, por exemplo. Recomenda-se uma pesquisa sobre a vida de Maria da Penha,

que, inclusive, também nasceu no Ceará, como a autora de *Redemoinho em dia quente*.

Essa proposta pode ser potencializada se somada à produção de lambes-lambes com trechos da obra, em especial o título desse conto, com referências à lei e aos canais de denúncia.

Para conhecer a trajetória de Maria da Penha e como a lei foi criada, pode-se indicar aos estudantes o site do Instituto Maria da Penha: www.institutomariadapenha.org.br/quem-e-maria-da-penha.html [acesso em: 11 nov. 2020].

FILOSOFIA

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6: Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

HABILIDADE

(EM13CHS605) Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, identificar os progressos e entraves à concretização desses direitos nas diversas sociedades contemporâneas e promover ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência, respeitando a identidade de cada grupo e de cada indivíduo.

PRÉ-LEITURA

Partindo do fato de que Jarid Arraes escreveu diversos cordéis que cantavam as mulheres negras, a proposta é conhecer um pouco mais essas mulheres que foram apagadas na escola e nos meios de comunicação. Para isso, recomenda-se assistirem ao vídeo no qual a autora apresenta um pouco do seu livro *Heroínas negras brasileiras*, da editora Seguinte, disponível em: www.youtube.com/watch?v=DJj68LkSkwY (acesso em: 6 nov. 2020).

O livro resgata a memória de quinze mulheres que lutaram por liberdade e direitos, reivindicando espaço na política e nas artes, em histórias impressionantes.

LEITURA

Após explorar a história e a importância dessas heroínas negras que marcaram a história do Brasil, será trabalhado o conto “Moto de mulher” (p. 24). Ao ler ou reler o conto, seria interessante o professor dar destaque ao trecho seguinte, que evidencia a visão preconceituosa com relação à profissão possível para uma mulher:

Parei a moto num ponto de mototáxi perto da padaria, mas veio um cara falar que tinha que se cadastrar pra ficar ali. Eu perguntei como que fazia o cadastro e ele respondeu que era só com Zé, que tinha sido o primeiro mototáxi a começar aquele ponto. Que lutou na prefeitura e tudo pra ter o direito de parar perto do sinal, do lado da faixa de pedestre. E, além do mais, nunca tinha visto mototáxi mulher. Isso não ia dar certo. E o perigo? Era perigoso ser mototáxi. Ser mulher mototáxi, então. E a minha moto era pesada, se fosse pelo menos uma Biz. Eu disse que Biz não era moto e que tá bom, depois eu passava pra falar com Zé. [p. 25]

PÓS-LEITURA

Ao final da leitura, propor uma discussão sobre as dificuldades de conseguir espaço para fazer coisas que são consideradas “de homens”. Depois disso, sugere-se uma pesquisa sobre as heroínas apagadas da história sobre as quais Jarid Arraes escreveu: Antonieta de Barros, Aqualtune, Carolina Maria de Jesus, Dandara, Esperança Garcia, Eva Maria do Bonsucesso, Laudelina de Campos, Luisa Mahin, Maria Felipa, Maria Firmina, Mariana Crioula, Na Agontimé, Tereza de Benguela, Tia Ciata e Zacimba Gaba.

Para finalizar, promover um seminário sobre mulheres que lutaram pelos direitos civis femininos, buscando equidade em relação aos homens.

APROFUNDAMENTO: ANÁLISE ESTÉTICA E CRÍTICA DA OBRA

Antes de mais nada, é preciso dizer que a obra *Redemoinho em dia quente* é literatura com engajamento social, por isso uma obra política. Isso não a torna menos estética, muito pelo contrário, sua estética incorpora uma ética da vida, como apresentamos ao longo de todo este material. A consciência da linguagem, do gênero no qual seu texto se inscreve (o conto), da literatura como uma instituição que assim como inclui também exclui — são aspectos como esses que fazem de Jarid Arraes uma autora perspicaz. Conhecendo muito bem o terreno onde está pisando, ela aposta na maleabilidade da língua, no sotaque da sua região, nos temas difíceis para fazer soar essa voz que traz consigo muitas outras.

Por isso nosso empenho em apontar as qualidades estéticas da obra para seguir pensando como elas servem a um projeto de resistência. Embora esse seja um livro no qual as personagens, em sua maioria, são silenciadas, aqui elas encontram um corpo coletivo que expõe as formas de apagamento e emudecimento dessas vidas que tiveram seus direitos roubados. E por direito falamos, especialmente, do direito à voz, já que a sociedade fala estruturalmente uma voz outra, que é a do homem branco e colonizador.

De acordo com Djamila Ribeiro (2017, p. 31),

[...] a sociedade brasileira como tendo sido colonial traz mais algumas estruturas limitantes para o eco da voz negra: a não autorização da fala por medo de retaliação e também a falta de legitimidade para falas que sejam diferentes da sociedade supremacista branca patriarcal. Aliado a isso, o fato dessa sociedade só considerar universal seus pontos de vista fazem com que tudo que não seja esse posicionamento seja abafado, desqualificado e desconsiderado de alguma forma: “Essa insistência em não se perceberem como marcados em discutir como as identidades foram forjadas no seio de sociedades coloniais faz com que pessoas brancas, por exemplo, ainda insistam no argumento de que somente elas pensam na coletividade; que pessoas negras, ao reivindicarem suas experiências e modos de fazer político e intelectuais, sejam vistas como separatistas ou pensando somente nelas mesmas. Ao persistirem na ideia de que são universais e falam por nós todos, insistem em falarem pelos outros, quando, na verdade, estão falando de si ao se julgarem universais.

Por isso, dizemos que quem lê *Redemoinho em dia quente* está lendo um corpo — ideia que a autora também se empenha em reforçar na retina no leitor:

Tenho dois seios, estas duas coxas, duas mãos que me são muito úteis, olhos escuros, estas duas sobrancelhas que preencho com maquiagem comprada por dezenove e noventa e orelhas que não aceitam bijuterias. Este corpo é um corpo faminto, dentado, cruel, capaz e violento. Movo os braços e multidões correm desesperadas. Caminho no escuro com o rosto para baixo, pois cada parte isolada de mim tem sua própria vida e não quero domá-las. Animal da caatinga. Forte demais. Engolidora de espadas e espinhos. (p. 37)

É como se ela dissesse: eu tenho um corpo, vejam, e esse corpo é de muitas. Por isso dizer que é um corpo antes de tudo plural, pois construído de muitas personagens singulares: lésbicas, bissexuais, negras, pobres, transexuais, jovens, velhas, todas envolvidas em questões complexas como suicídio, vícios em drogas e remédios, abuso, prostituição, latrocínio, depressão. São pessoas que veem dia a dia seus sonhos sendo roubados e muito pouco podem fazer para mantê-los acesos a não ser continuar tentando apesar de tudo.

Essa é uma discussão muito importante para ser feita em sala de aula com os estudantes do Ensino Médio, que estão sedentos para se verem representados. Porque para estabelecer diálogos sociológicos e antropológicos é preciso tocar questões como a vida da população negra, a urgência do empoderamento feminino, a violência e os transtornos psicológicos advindos de uma sociedade injusta e sem segurança. Isso sem contar aquilo que faz esses jovens tão vulneráveis: a precariedade econômica, os preconceitos, os assédios moral e físico (que por vezes ocorrem mesmo no ambiente cotidiano escolar) e o desrespeito às diferenças etária, de pertencimento étnico-racial, de classe, de gênero, entre outros.

Essas são questões que nos convocam a refletir sobre o lugar de fala, um conceito que vem sendo popularizado nas mídias, mas que precisa de um espaço adequado e paciente para que possamos compreender suas complexidades.

“Quem pode falar?”, “O que acontece quando nós falamos?” e “Sobre o que nos é permitido falar?”. Esses questionamentos são fundamentais para

que possamos entender lugares de fala. Dentro desse projeto de colonização, quem foram os sujeitos autorizados a falar? O medo imposto por aqueles que construíram as máscaras serve para impor limites aos que foram silenciados? Falar, muitas vezes, implica em receber castigos e represálias, justamente por isso, muitas vezes prefere-se concordar com o discurso hegemônico como modo de sobrevivência? E, se falamos, podemos falar sobre tudo ou somente sobre o que nos é permitido falar? Numa sociedade supremacista branca e patriarcal, mulheres brancas, mulheres negras, homens negros, pessoas transexuais, lésbicas, gays podem falar do mesmo modo que homens brancos cis heterossexuais? Existe o mesmo espaço de legitimidade? (RIBEIRO, 2017, p. 77)

As reflexões propostas por grandes pensadoras — como Djamila Ribeiro em seu livro *O que é lugar de fala?* e a indiana Gayatri Spivak, em *Pode o subalterno falar?* — estão no cerne da obra ficcional de Jarid Arraes. *Redemoinho em dia quente*, por meio da especificidade da literatura de acessar as ideias pela via do sensível, encontra uma fenda empática pela qual penetrar o corpo — físico e intelectual — do leitor. E esse leitor pode ser aquele que não vivencia esses silenciamentos, mas é tomado pela mão e levado a conhecer esses espaços, essas gentes que ele talvez não imaginasse que existiam, ou só as imaginasse muito distantes. Porque pelas qualidades estéticas já mencionadas no decorrer do material, os contos criam um espaço intimista no qual o leitor passa a participar da cena e, em algumas vezes, é convocado explicitamente a ver, como no conto “Como é ruim cair num buraco” (p. 120).

Para esses primeiros leitores, frisamos que *Redemoinho em dia quente* subverte o discurso dominante-hegemônico quando — por meio de sua escrita marcadamente periférica, porque numa linguagem cotidiana — faz-nos ver a invisibilidade social elevando o silêncio das personagens, de modo que não há como não as ouvir.

Silencioso é o grito que ouvimos de Francisca quando ela não quer mais esperar pelo milagre:

Subiu os degraus quase pulando e viu o padre sentado em um trono de ouro, com anjinhos lhe servindo, voando, derramando jarras de uma água que era, ao mesmo tempo, cristalina e cor-de-rosa. Não podia acreditar que estava vendo seu Padim, com sua batina preta, currulepes nos pés e chapéu meio torto.

— Meu Padim — foi o que disse antes de se atirar da varanda, rumo ao abraço do Santo. (p. 16)

Ou quando a senhora lavadeira de roupas cai e não grita por socorro porque já está velha e gorda demais para ser ouvida:

[...] Tropecei, caí por cima do braço molhado e fiquei no chão escolhendo o gemido mais penoso que eu sabia gemer. Era só o que faltava. Caí longe do tanque, longe da parede. Como que eu ia levantar? Sem botar força no braço direito, logo o direito, o bom.

Fiquei no chão o dia inteiro. Não consegui nem me arrastar. Sem almoço, sem banheiro. Segurei o mijo na reza. Fiquei espragatada até o fim da tarde, quando Cidinha apareceu. Foi sorte, porque não era pra menina ter aparecido. [...]

Mas mãe não tinha visto a lata? E se tivesse batido a cabeça? Por que não gritou por socorro? A vizinha podia ter ouvido. E planejava ficar até quando caída no chão?

Como se eu pudesse planejar uma coisa dessa.

— Minha filha, eu tô velha, tô gorda. (p. 19-20)

Por elas, Jarid fala:

Me considero tão representante da luta negra e feminista quanto todas as outras mulheres negras que resistem diariamente, cada uma no seu contexto de vida, nas mais diversas profissões. [...] tenho sempre em mente que há um compromisso da minha parte e me esforço para ampliar as vozes de outras pessoas que devem ser ouvidas. [...] tudo o que desejo fazer é um pouco de diferença na sociedade, ajudar a despertar questionamentos incômodos e auxiliar na conscientização de mais pessoas. Porque tudo isso diz respeito a grupos de pessoas, são fatos sociais, são questões importantes para mim e para muitas outras mulheres. (CORTÊZ, 2015)

Porém, esses contos também encontram leitores que, ao ler esses textos, se veem representados. É aí que, nesse corpo leitor, pode se elaborar uma transformação. Um convite. Um estímulo para (se) falar também. Lembremos do conto “Graça” (p. 111), no qual a narradora se dirige a uma mulher e reconhece nela sua força:

Graça, Graça.

Queria um pouco de tua vontade de viver, mulher. Queria usar essas roupas de malha fina, que se gastam todos os dias com a repetição de cada uma das tuas alegrias. A tua alegria da manhã, líquida, garrafa térmica, xícara duralex. A tua alegria do almoço, feijão-de-corda, coentro, panelas de alumínio. A tua alegria que se estica até a noite, marcada pelo relógio das novelas. Imagino. Graça.

Mulher, escutei tua voz quando vinha lá da linha do trem. Passei perto de tua casa e quis curiar. Jogar meus olhos como britas lançadas por baladeiras. Que você segurasse meus olhos com essas tuas mãos, Graça. Essas mãos com unhas curtas, esmalte descascando. Uma cor diferente a cada semana. Graça, tuas cores são cheias de triângulos, zabumbas, pífanos. Tuas cores firmam meu corpo numa realidade boa. Graça, como é possível que exista uma realidade boa? Só essa que é tua, Graça. [...]

Passe devagar na frente de minha casa, Graça. Quero dizer as coisas abes-
tadas que sei dizer e estão tão acima de ti. Mulher, tá boa? E o calor? O calor, Graça. De tuas chinelas levantando terra, de teus dedos segurando sacolas, de tua vassoura varrendo o esgoto. Essas tuas mãos, Graça, que me dizem oi de longe. Eu, emocionada, seguro o instante em que você reconhece quem sou. Sorriso, alegria, essa tua alegria.

Graça. Sempre cheia. (p. 111-2)

Vemos, aqui, a autora mansamente nos colocar no instante exato em que esse reconhecimento e identificação acontece: tudo isso tem início na voz, pois é pela voz de Graça que a narradora pode percebê-la e, nessa percepção, deseja *curiar*, palavra que diz respeito a ficar de olho na vida da outra. E a narradora olha, observa, saboreia a força desse corpo que constrói uma nova realidade, uma realidade possível, uma realidade boa: “Graça, como é possível que exista uma realidade boa? Só essa que é tua, Graça.”. Desde aí, surge o momento em que esse encontro se finca no olhar: “Eu, emocionada, seguro o instante em que você reconhece quem sou”.

Esse encontro é fundamental no sentido de limpar a vida de toda desgraça e instituir a graça, o dom, a dádiva, que são outras acepções para essa palavra. No entanto, embora as mulheres retratadas por Jarid sejam muito religiosas, essa graça não tem sentido metafísico, mas é reiterada no nome próprio Graça. Isso nos leva a imaginar que somente no outro, no outro corpo,

na alteridade fundada entre esses olhares é que pode haver uma possibilidade de. De quê? De alguma coisa diferente. De uma união de forças, talvez. De um futuro.

Estamos certos de que é justamente isso que ocorre quando esses contos se encontram com certos leitores — estudantes, professores, pesquisadores — que estão à espera de uma possibilidade de reconhecimento e de representatividade em sala de aula, na escola, na cidade, no mundo.

SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

Vídeo: Entrevista com Jarid Arraes. Bondelê #54 apresenta *Redemoinho em dia quente*. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=gyhahk0uhW8. Acesso em: 8 nov. 2020.

Jarid Arraes fala nessa entrevista sobre seu contato com a literatura de cordel desde a infância, sobre seus cordéis, o mercado editorial, o livro de poesia *Um buraco com meu nome* (lançado em 2018 pela Ferina, novo selo literário que criou com a editora Lizandra Magon de Almeida, da Pólen Livros) e sobre seu primeiro livro de contos, *Redemoinho em dia quente*.

Livros do artista Patativa do Assaré.

O cordelista e poeta Patativa do Assaré é uma forte influência na obra de Jarid Arraes, inclusive citado no conto “Asa no pé”. Poeta popular, compositor, cantor e improvisador brasileiro, ele difundiu o cordel e tem vários livros publicados.

Discos da cantora pop Lady Gaga.

Em mais de um momento, inclusive neste livro, Jarid Arraes comenta sobre a presença da cantora pop na sua vida:

Quem me pergunta — e sempre me perguntam — qual é minha maior influência como escritora, talvez quem eu queira ser quando crescer, eu não tenho nenhum escritor ou escritora para citar. Quem eu cito é Lady Gaga. Pode parecer engraçado. Para muitos, pode soar como coisa menor. E achar menor, eu digo, é desconhecimento. Porque quando conheci Lady Gaga, há 10 anos, me senti atingida por sua estranheza. E a estranheza sempre foi o primeiro flerte entre mim e a arte. [...] Eu sempre fui fascinada pelo disruptivo, pelo subversivo, com formação musical baseada em blues, jazz, ópera e heavy metal, logo encontrei em Lady Gaga referências que uniu tudo isso. [Disponível em: bit.ly/EntrevistaJaridLG. Acesso em: 8 nov. 2020.]

Museu: Casa da Xilogravura. Campos do Jordão, SP. Informações em: **www.casadaxilogravura.com.br**. Acesso: 8 nov. 2020.

Única no gênero no Brasil, a Casa da Xilogravura é um museu que preserva e divulga a xilografia. Ela mantém em exibição permanente uma parte do acervo, composto de milhares de obras de centenas de artistas brasileiros e estrangeiros. Conheça a Casa, no link: **<https://www.youtube.com/watch?v=auYAZ1nA2Qc>**. Acesso em: 8 nov. 2020.

Livro: *Sejam todos feministas*, de Chimamanda Ngozi Adichie. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Trata-se de um livro breve baseado no discurso da autora em uma conferência do TED Talks que já teve mais de 4 milhões de visualizações. Chimamanda apresenta uma introdução ao movimento feminista a partir de suas experiências, o que torna o livro muito acessível para qualquer leitor. A palestra pode ser vista em: **bit.ly/TTChimamanda**. Acesso em: 8 nov. 2020.

Palestra: *O perigo de uma história única*, de Chimamanda Ngozi Adichie.

Disponível em: **bit.ly/TTChimamanda2**. Acesso em: 8 nov. 2020.

Nessa palestra do TED, a autora aborda as histórias que consumimos e que representam apenas uma parcela da população. Alerta para o fato de que “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história”.

Coletivo: Clube de Escrita para Mulheres. Para conhecer mais: **www.facebook.com/clubedaescritaparamulheres**. Acesso em: 6 nov. 2020.

Trata-se de um coletivo de escritoras que promove eventos literários, ajuda mulheres que querem escrever e publicar e realiza oficinas de escrita para mulheres. Nasceu em outubro de 2015, criado por Jarid Arraes, e em 2017 se tornou um coletivo, reunindo algumas das participantes mais assíduas dos encontros. Agora tem a proposta de realizar eventos literários, auxiliar mulheres que querem publicar o que escrevem e, claro, dar continuidade aos encontros de escrita periódicos e gratuitos.

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

BERND, Zilá. *Negritude e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

Com base em noções de negritude como estado transitório e de negritude como produção de identidade negra a partir da literatura, a autora lança luzes a um projeto de literatura negra produzida no espaço latino-americano. A literatura negra não está associada à cor da pele do escritor, mas à presença de um enunciador que se quer negro. Para ela, a consciência negra passa por três dimensões: a íntima, a política e a grupal autônoma. Há ainda análise de poemas escritos por poetas caribenhos e sul-americanos.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC/ Consed/ Undime, 2018.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é o documento norteador dos currículos dos sistemas e redes de ensino, como também das propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil. A Base estabelece conhecimentos, competências e habilidades que se espera que os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica.

CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

O livro traz dezoito ensaios interessantíssimos de Julio Cortázar, teórico e grande contista também. O ensaio intitulado “Alguns aspectos do conto” apresenta a estrutura do conto e faz reflexões poderosas sobre o gênero, o tema e os afetos envolvidos na criação e recepção desse tipo de texto.

DALCASTAGNÈ, Regina. “Imagens da mulher na narrativa brasileira”. *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*, v. 15, 2007. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3267. Acesso em: 6 nov. 2020.

O artigo traz uma extensa pesquisa que mapeou todos os romances brasileiros publicados pelas três editoras mais importantes do país entre os anos 1990 e 2004, discutindo a representação das personagens femininas, tanto em obras de escritoras mulheres como de escritores homens.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

Philippe Lejeune apresenta aqui algumas possíveis definições para a autobiografia, com foco no relato retrospectivo que uma pessoa real faz da sua vida. Assim, o pacto autobiográfico consistiria na identidade entre autor, narrador e personagem principal, mas isso não deixa de ser complexo e passível de muitos equívocos.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

A filósofa se propõe a apresentar ao grande público, de forma didática e acessível, questões referentes aos mais diversos feminismos. Para isso, promove uma discussão importante sobre a vulnerabilidade das mulheres negras, como o encarceramento, o racismo cultural e a branquitude, sustentando que o conceito de lugar de fala ajuda a compreender que as palavras não são construções inocentes, mas representações coletivas que atravessam as experiências individuais de seu autor.

POE, Edgar Allan. “A filosofia da composição”. In: *Poemas e ensaios*. Trad. Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

O autor discute nesse ensaio a composição de seu famoso poema narrativo “O corvo” e, ao fazer isso, acabou construindo uma teorização sobre o gênero conto. Hoje, esse é um texto imprescindível para os estudantes que querem se aprofundar nessa arte da escrita.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

A pergunta do título desse livro já se abre à discussão: o subalterno pode, no sentido de “estar permitido”, falar; ou pode falar, no sentido de “ter capacidade” para isso. No decorrer desse ensaio, a escritora indiana estabelece uma análise crítica acerca da postura de outros pensadores como Gilles Deleuze, Michel Foucault e Jacques Derrida.

OBRAS CITADAS

- ARRAES, Jarid. “11 poemas por Jarid Arraes”. *Blog da Companhia*, 20 maio 2020. Disponível em: <https://www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/11-poemas-por-Jarid-Arraes>. Acesso em: 6 nov. 2020.
- _____. “Feminismo negro: sobre minorias dentro da minoria”. *Portal Geledés*, 27 fev. 2014. Disponível em: www.geledes.org.br/feminismo-negro-sobre-minorias-dentro-da-minoria-por-jarid-arraes. Acesso em: 6 nov. 2020.
- CORTÊZ, Natacha. “Cordelista e feminista: protesto contra a opressão”. *TPM*, 19 fev. 2015. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/cordelista-e-feminista-conheca-jarid-arraes-uma-voz-de-protesto-contr-a-opressao>. Acesso em: 6 nov. 2020.
- SILVESTRE, Márcio. “Redemoinho em dia quente: o cariri que habita o imaginário de Jarid Arraes”. *Revista Cariri*, 31 jul. 2019. Disponível em: <https://caririrevista.com.br/redemoinho-em-dia-quente-o-cariri-que-habita-o-imaginario-de-jarid-arraes>. Acesso em: 6 nov. 2020.
- PAIVA, Thais. “A escola não ensina sobre as lutas e conquistas das mulheres e pessoas negras”, *Centro de Referências em Educação Integral*, 23 maio 2017. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/25701>. Acesso em: 6 nov. 2020.